

Langoni: governo precisa recriar política econômica

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O governo Tancredo Neves terá capital político para impor uma política econômica de caráter reformista capaz de atacar todos os grandes problemas da economia e permitir a retomada dos investimentos produtivos, afirma o ex-presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, já engajado na Frente Liberal. Segundo ele, o próximo governo terá que recriar os instrumentos de política econômica, diante da constatação de que medidas orçamentárias não funcionam no combate à inflação e na retomada efetiva do crescimento econômico.

"O País necessita de um conjunto de reformas para atacar simultaneamente os desequilíbrios internos e externos e o ponto de partida deve ser a redução do impacto dos serviços da dívida externa na economia doméstica" — ressalta Langoni. Em sua opinião, os juros da dívida constituem a fonte principal de pressão expansionista sobre o déficit público, o que, endossado pela emissão de moeda, acelera o processo inflacionário.

O ex-presidente do Banco Central e atual consultor da Organização das Nações Unidas (ONU), professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) — prestes a lançar o novo livro "A crise do desenvolvimento: uma estratégia para o futuro" —, considera histórico esse momento de transição política, quando Tancredo Neves assume o governo com respaldo popular suficiente para mudar os rumos das economias brasileira e latino-americana.

AÇÃO CONJUNTA

Se depender da vontade de Langoni, o governo Tancredo poderá tirar proveito das teses expostas no livro "A crise do desenvolvimento" e liderar o processo de modernização do Fundo Monetário Internacional (FMI) e ainda coordenar a ação conjunta dos países da América Latina na renegociação de suas respectivas dívidas externas, a busca da redução da drenagem de capital para os cofres dos bancos internacionais em prejuízo do desenvolvimento econômico e social do continente.

No campo interno, o ex-presidente do Banco Central não admite a hipótese do governo Tancredo pôr a perder o capital político e repetir o exemplo argentino, com a ampliação dos desajustes econômicos e maior exacerbão da inflação. Para isso, qualifica de fundamental Tancredo tirar proveito da credibilidade que o envolve para, através do amplo entendimento, promover o pacto social concreto.

E dentro do regime democrático pleno, aumentar as pressões de ordem política na condução da economia. Mas Langoni ressalta que Tan-

credo tem liderança política para negociar e não aceitar imposições.

"Todo o processo de decisão sofrerá mudanças e a política econômica será negociada. Mas Tancredo saberá quando não deve ceder para adotar as medidas realistas. Ele também terá sensibilidade até para tirar proveito da experiência da Argentina e do México e introduzir a nova política econômica."

Essa nova política econômica terá na credibilidade a palavra-chave, diz o ex-presidente do Banco Central, ao lembrar o seu tempo de governo: "Sem dúvida alguma, é fundamental que a política econômica seja estável e coerente para que haja credibilidade... A teoria de expectativas racionais sugere que, havendo credibilidade na política econômica, é fácil combater a inflação e são mínimos os efeitos reais dos instrumentos monetários e fiscais".



Arquivo
"Os juros pressionam"

Porém, até para evitar cobranças de curto prazo ao novo governo, Langoni reitera que Tancredo também não terá fórmula mágica para corrigir os problemas internos assim que assumir e já promover a aceleração do crescimento econômico, mesmo repetindo que, na prática, a eleição "quase direta" do presidente da República representa ponto importíssimo para a correção de expectativas. "Mesmo havendo credibilidade, no caso brasileiro, ainda existirão custos temporários em termos de produto real e juros reais" — explica o ex-presidente do Banco Central.

REVISÃO

A nova política econômica exigirá ampla revisão de todos os instrumentos em vigor e a introdução de outros, reafirma Langoni: "Existe consciência de que o Brasil não pode conviver com a hiperinflação atual. Então, o novo governo precisará adotar um conjunto de medidas, logo no seu início. Será um novo ciclo de

reformas na área econômica como um todo, o que inclui os desequilíbrios de grande magnitude da Previdência Social e do Sistema Habitacional. Mas o governo Tancredo deverá lançar mecanismos permanentes e, em consonância com o processo democrático, levar ao Congresso Nacional a discussão da nova política econômica, sem abrir mão do respaldo popular e da credibilidade do próprio executivo".

Pouco mais de 17 meses depois de fazer parte do alto comando tecnocrático da economia brasileira, Langoni passa a dar ênfase à democratização das decisões econômicas. Mas ressalva que, quando presidente do Banco Central, já sentia a falta de credibilidade como aspecto contrário à obtenção dos resultados esperados, o que quebrava o rigor prático das decisões tomadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). O exemplo recente também serve para que, a partir de discussões abertas, Tancredo adote uma política econômica coerente: "Para que os resultados favoráveis se tornem explícitos é imprescindível coerência e firmeza. Vale notar que, uma vez quebrada a rigidez das expectativas, o processo torna-se cumulativamente favorável, fazendo com que o ritmo de quebra dos preços se dê mais rapidamente do que a desaceleração monetária... A partir deste momento, é possível associar a queda da inflação com a retomada do ritmo de crescimento da economia, a exemplo do que ocorreu no período 1968/73".

OPINIÃO ANTIGA

O ex-presidente do Banco Central não apoia as receitas do monetarismo puro e repete que o foco da inflação está no déficit público, sómente refletido na expansão monetária: "A política monetária espelha o desequilíbrio crescente nas contas do governo como um todo". Opinião que Langoni já tinha ainda quando membro do governo. "O problema não está na operacionalização da política monetária, mas sim nos seus pressupostos. Em outras palavras, a política monetária é o estuário comum para onde necessariamente convergem todas as distorções originárias de outros segmentos da economia" — dizia Langoni, logo ao assumir a Presidência do Banco Central, no primeiro ano do atual governo.

Como professor, Langoni reconhece que a combinação de política monetária e fiscal restritiva com o realismo da política cambial constituem as bases de qualquer política econômica no Brasil. Mas reafirma que só a política monetária não pode cobrir a grandeza do desequilíbrio nas contas do setor público, o que deve levar a equipe de Tancredo a desprezar o aperto excessivo na oferta de moeda, como já recomendava nos seus tempos de Banco Central: